

“DE CORPOS, PAVORES E UTOPIAS...”
(Uma hermenêutica feminista de Jo 7,53–8,11)

Maria Soave Buscemi

1. Poesia ... é o que tenho...

“Entre o sim e o não”

Há tanta vida entre o sim e o não.
É tão difícil entender
O que pretende o meu coração,
Em seu estranho querer.
Onde ele vai eu nem sempre vou,
Bate distante de mim.
E às vezes dói onde eu não estou,
Incompreensível assim.
Sei que lá fora agora é o mar,
Sua presença me diz.
Não é difícil imaginar,
Eu com você sou feliz.
Qualquer esquina, qualquer lugar,
Um beijo, um aperto de mão.
Meu coração sabe desejar.
Pena que seja ilusão.
Ah! Eu não quero a saudade.
Na realidade,
Eu quero é você.
Mas no amor está provado,
Não vale o ditado:
Querer é poder.
Abro os meus olhos, não vou chorar,
Quem sabe lá se você
Não pensa agora em telefonar,
Surpreendida de ver
Que o amor dá voltas de arrepiar.
Tanta surpresa e emoção,
Desejo tanto acreditar:
Eu e o meu coração.

(João Donato e Abel Silva)

Quantos corpos, quanta vida, quantos pavores e utopias existem entre um sim e um não!

Quantas estradas entre o meu corpo, nossos corpos, “formados” para obedecer às leis dos poderosos senhores, de uma sociedade patriarcal e machista, e o nosso coração que sonha a utopia de um outro mundo possível e por isto, muitas vezes, bate distante, além do horizonte.

Quero afirmar, com a insistência de uma espiritualidade que nasce do meu corpo, dos nossos corpos de mulheres, que querer é poder. Quero afirmar o jeito de ser das mulheres, jeito lunático, próprio, com direito pleno de voz e vez. Este jeito, este corpo... lunático e de mulher é o espaço de produção teológica.

*“Tenho fases, como a lua
Fases de andar escondida,
Fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
Tenho outras de ser sozinha”.*

(Cecília Meireles)

2. São muitos os pré-textos

“Venho do Sul. Venho do crepúsculo, descí das montanhas, caminhei, dormi dentro dos poços, atravessei noites e areias, venho de uma estação fora do tempo, confiada a um livro, eu sou aquele livro nunca aberto, nunca lido, escrito pelas pessoas antigas, antepassadas, que me enviaram para vos dizer, para chamar vossa atenção, para dizer-vos e dizer-vos. Não vos aproximeis demais. Deixai que seja uma brisa suave a ler as primeiras letras do livro.

Vocês não podem sentir nada. Fiquem calados e me escutem: era uma vez um povo de Beduínos, caravaneiros e poetas, um povo duro e orgulhoso que se nutria de leite de camelo e tâmaras, governado pelo erro, inventava suas divindades... Por medo da falta de honra e da vergonha, alguns entre eles mataram, eliminaram, silenciaram as mulheres e a presença feminina de suas casas.”

(Tahar Ben Jelloun, “Notte fatale” – Tradução de Maria Soave)

Ando muito por estas imensas terras da Mátia Grande, Abya Yala, Pindorama, Araucânia fecunda. Durante o ano percorro milhares e milhares de quilômetros nesta terra das muitas cores, atolando na lama ou tossindo poeira.

Os meus olhos e os meus ouvidos estão grávidos dos muitos rostos que encontrei e das muitas histórias que ouvi.

O meu corpo é grande. Minhas curvas são o espaço de muitos ditos e não-ditos, o jardim secreto de muitos entreditos. Acredito que minha vida seja encontro, desencontro e, às vezes, reencontro de corpos e histórias.

Corpos e Histórias, tecidos vivos de pele e de palavras, geografia de curvas e páginas, dedos lambuzados de tanto tocar ou folhar, nariz cheirando palavras, suores e humores... ouvidos grávidos de sussurros, gemidos, dores, silêncios e histórias... língua dormente de tanto lambar e declamar.

Meu corpo, nossos corpos de mulheres, clamando existência na insistência da proclamação do corpo como ponto de partida hermenêutica, “do corpo como ponto de partida da teologia” (Ivone Gebara).

São estes os corpos de pouco mais da metade da população brasileira. São 40, a cada 100 pessoas, as mulheres economicamente ativas, as que trabalham fora de casa e têm algum tipo de renda. Conhecemos também o duro trabalho das mulheres dentro de casa, criando os filhos sem nenhum tipo de salário ou aposentadoria. Nas seis maiores cidades do País, as mulheres trabalhadoras têm, em média, uma renda mensal 38% menor que a dos homens. No país inteiro 30 famílias em cada 100 têm exclusivamente mulheres no cargo de responsabilidade econômica e educativa da família.

De outro lado, dentre 100 deputados no Congresso Nacional, não chegam a um número de 20 as mulheres. Parece-me que o número das mulheres e das mulheres trabalhadoras, dentro e fora de casa, é muito significativo em nosso País. O salário e o poder de decisão das mulheres, no entanto, não são da mesma forma significativos.

São “outros” os que decidem o destino econômico de mulheres empobrecidas e de suas crianças.

A realidade nos demonstra que é também muito precária a saúde sexual e reprodutiva das mulheres. No Brasil, que é a décima potência econômica do mundo, 40% das mulheres entre 15 e 49 anos de idade, que vivem em união, já foram esterilizadas ou tiveram que se submeter à histerectomia por patologias do aparato genital e não podem ter filhos.

São ainda “outros” os que decidem, nesta Pátria, ainda não Mãtria, o destino sexual e reprodutivo das mulheres. São na larga maioria mulheres, sobretudo mulheres empobrecidas, as pessoas que carregam o pesado fardo psicológico e físico da contracepção e da esterilização.

No início deste novo milênio, o Brasil já tem 14% das mães gestantes sem nenhum acompanhamento pré-natal. Um milhão de adolescentes tornam-se mães a cada ano. A cada duas horas, uma mulher morre em nosso País devido a complicações decorrentes de gravidez. Estima-se anualmente no Brasil a realização de 1 milhão e 400 mil abortos clandestinos, sem as menores condições de higiene. O aborto representa a quarta causa de morte materna.

São ainda “outros” os que decidem, nesta Pátria, quem sabe ainda, um dia, também Mãtria, o destino e a vida de mulheres empobrecidas. Corpos solitários e grávi-

dos. Corpos abandonados numa poça de sangue que uma grande agulha de tricô ou um coice provocaram...

Em 1985, a cada 28 homens portadores do vírus HIV ou da AIDS, havia uma mulher doente. Hoje a cada homem com HIV ou AIDS há uma mulher doente. A grande maioria destas mulheres não conduz uma vida sexualmente promíscua, é fiel ao seu esposo, nunca teve relações sexuais fora do casamento, foi educada para pensar que exigir o uso do preservativo não é uma ação de uma boa e casta esposa...

São ainda “outros” os que decidem da vida ou da morte das mulheres, emudecidas a respeito da própria saúde sexual.

No Brasil, as mulheres, sobretudo as mais empobrecidas, constituem 63% das vítimas de agressões físicas cometidas por parentes no âmbito doméstico. Só no ano de 1996, maridos ou ex-maridos, seja de união formal ou não, foram responsáveis por 72% dos assassinatos de mulheres. Em nosso País, a cada ano, pelo menos 2.500 mulheres são mortas, vítimas de crimes passionais, crimes por ciúmes ou suspeita de adultério. Por ano, 500 mil mulheres sofrem algum tipo de violência física ou sexual.

São “outros” os que julgam, “punem”, espancam, violentam, matam... São os corpos de mulheres, sobretudo das mulheres empobrecidas, estes corpos violados, sem voz nem vez, estes corpos espancados e assassinados em nome da “lei do pai” (patriarcado) ou da “lei do macho” (machismo).

A vida das mulheres... os corpos das mulheres... a voz das mulheres... Também a dignidade e o direito das mulheres em nossas igrejas são ainda hoje uma ferida aberta que lateja...

São ainda “outros” os que falam e canonizam leis, doutrinas e morais sobre o corpo das mulheres, sobretudo das mais empobrecidas.

Parece-me que muitos, demais, são os corpos de mulheres violados e emudecidos, muitos, então, são os pré-textos para abrir e tocar o corpo do texto de Jo 7,53–8,11.

3. Os muitos textos de um texto

“Vou explicar... Não... Saibam simplesmente que passei minha vida inteira falsificando ou mudando as histórias dos outros... Não importa de onde eu venho. Por outro lado, eu não saberia dizer se os meus primeiros passos foram impressos na lama do lado oriental ou do lado ocidental do rio. Amo inventar minhas lembranças. Isso depende do rosto do meu interlocutor. Existem vultos nos quais transparece a alma e outros nos quais aparece uma máscara de pele enrugada com o nada por trás.

Admito que, desde quando sou cego, confio muito nas minhas intuições. Viajo muito. Antes de ficar cego só observava, olhava, escrutava e anotava na minha mente. Agora volto a fazer as mesmas viagens. Escuto. Abro o ouvido e aprendo muitas coisas. É curioso como o ouvido trabalha. Tenho a impressão que nos informe mais e me-

lhor sobre as coisas. Acontece-me de apalpar os rostos e descobrir neles pegadas da alma. Frequentei por muito tempo poetas e contadores de histórias.”

(Tahar Ben Jelloun, “Creatura di sabbia” – Tradução de Maria Soave)

Também naqueles tempos, no tempo do movimento de Jesus e no tempo dos primeiros cristianismos, muitos eram os conflitos, os silêncios e as feridas que os corpos das mulheres vivenciavam.

Segundo os estudos da exegese de João aparece com clareza que este texto de Jo 7,53–8,11 é uma inserção posterior no evangelho. Este texto não se encontra na versão siríaca, nem nas versões coptas, ou em nenhum dos primeiros testemunhos textuais gregos importantes de proveniência oriental. Não existem também comentários sobre este texto por parte dos exegetas de João do I milênio.

Só por volta de 900 dC este texto começa a aparecer no texto grego. Existem muitos argumentos para dizer que este texto tem as suas origens no Oriente Antigo¹. A *Didascalia Apostolorum* do III século dC² nos oferece um claro aceno à história da adúltera. Esta obra é de origem siríaca, o aceno significa que a história era conhecida, não necessariamente como texto escrito, na Síria do II século dC.

Como afirma Raymond Brown, na sua exegese de João: “Não há nada na história e na sua linguagem que nos impeça de considerá-la como uma antiga história do tempo do Jesus histórico”³.

Provavelmente este texto tem a ver com um acontecimento da vida de Jesus. Uma história contada, no Ocidente e no Oriente, por muitas gerações. Uma história tão importante que permaneceu viva na boca, nos contos e nos corpos das pessoas, eu insisto, provavelmente das mulheres. Surge, então, uma pergunta: por que esta história não foi inserida imediatamente como parte dos evangelhos canônicos? Foram 900 anos de resistência dos contos populares.

R. Brown⁴ afirma que Riesenfeld colocou a explicação mais plausível do atraso da aceitação desta história. A prática de Jesus com a mulher adúltera era difícil de conciliar com a rígida disciplina penitencial da Igreja dos primeiros séculos.

Parece existir, neste texto, uma prática que incomoda, detona todas as idéias claras e distintas a respeito dos papéis “naturais” de gênero, das construções legalistas e moralistas, da fala e da violência de “alguns” sobre o corpo emudecido e sem direitos das mulheres.

Conflitos na comunidade do discipulado de iguais. Conflitos com muitos discípulos que achavam “dura demais” (Jo 6,60) a prática e a fala de Jesus. Conflitos com o povo (Jo 7,40-42). Conflitos com “os judeus”, com o grupo dos sabidos de Jâmnia, pretensos donos da única verdade (Jo 7,15; 7,24; 7,51-52). E estes conflitos se dão em

1. Eusébio, *Hist.* III, 39,17; GCS 9, 292.

2. II, 24,6; ed. Funk, I, 93.

3. BROWN, Raymond. *Giovanni I*, Assis: Cittadella, 1979, p. 435.

4. *Id.*, *ibid.*

Jerusalém, na Judéia. Lá, um dia, todos voltaram para as suas casas e Jesus para o Monte das Oliveiras. Mas, na manhã seguinte, Jesus foi de novo aos recintos do Templo (Jo 7,53–8,2).

“E quando todo o povo chegou perto dele, ele, sentado, começou a ensinar a eles. Então os escribas e os fariseus conduzem para ele uma mulher surpreendida em adultério e, colocando-a no meio, dizem para ele: “Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério. Ora, Moisés, na lei, nos ordenou apedrejar mulheres como esta. O que tu dizes?” (Jo 8,2-5)

Dela, como muitas vezes acontece na Bíblia, não sabemos o nome. Sabemos que era madrugada e que ela tinha sido surpreendida em adultério. Mas, de onde vinha a lei contra o adultério?

“Se um homem adular com a mulher do seu próximo, será morto o adúltero e a adúltera” (Lv 20,10 e Dt 22,22). Só uma vez se fala na Bíblia da lei do apedrejamento: “Se houver moça virgem, desposada, e um homem a achar na cidade e se deitar com ela, então trareis ambos à porta daquela cidade e os apedrejareis até que morram; a moça porque não gritou na cidade, e o homem porque humilhou a mulher do seu próximo; assim eliminarás o mal do meio de ti” (Dt 22,23-24).

Seria impróprio, como afirma Carolyn Pressler⁵, definir como “estupro”, na formulação da legislação moderna, os atos destes versículos e dos versículos seguintes.

Na moderna legislação, estupro tem a ver com o não-consentimento da vítima no ato sexual. Nestes versículos do Deuteronômio e nos versículos seguintes a falta de consentimento por parte da mulher não tem relevância alguma para a natureza e a gravidade da ofensa. O caso é considerado adultério também no caso da virgem comprometida porque era considerada como uma mulher casada.

Na lei deuteronômica nunca a ofensa é contra as mulheres. A sexualidade feminina e a capacidade reprodutiva das mulheres são sempre vistas como propriedade masculina, ou do pai ou do marido. A violação da sexualidade da mulher ou seu uso fora do domínio do marido ou do pai é uma grave ofensa contra os direitos destes.

As leis do Deuteronômio se negam a considerar o corpo e a identidade sexual da mulher, negam sua vontade e desejo sexual, seu direito a falar, escolher, determinar, se abrir, gozar, consentir ou recusar... cancelam o direito das mulheres à integridade sexual.

No caso do adultério e da pena do apedrejamento em Dt 22,23-24, trata-se de um caso de relação sexual com o consentimento (ela não gritou na porta da cidade onde poderia ser ouvida) da mulher virgem prometida em casamento.

O fator importante na lei é o *status* conjugal da mulher, define a natureza da ofensa e a severidade da pena. Uma relação sexual de uma mulher virgem que escolhe um homem diferente do marido que seu pai escolheu para ela, a relação sexual de uma mulher sujeito de suas escolhas, viola gravemente o direito de seu marido à posse exclusiva da sexualidade dela. Desta posse o poder patriarcal e machista, desde os tempos mais remotos, não quer abrir mão.

5. PRESSLER, Carolyn. *Violência Sexual e Lei Deuteronômica*, p. 111s.

“Então os escribas e os fariseus conduzem para ele uma mulher surpreendida em adultério e, colocando-a no meio, dizem para ele: ‘mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério. Ora, Moisés, na Lei, nos ordenou apedrejar mulheres como esta. O quer tu dizes?’ (faziam esta pergunta para colocá-lo em armadilha e para ter do que acusá-lo). Mas Jesus, curvando-se, começou a rabiscar com o dedo na terra” (Jo 8,3-6).

Dela, como muitas vezes acontece na Bíblia, não sabemos o nome. Procurando, vasculhando, “limpando” o texto, percebemos que era uma moça virgem prometida em casamento.

Ela perdeu a virgindade, naquela noite na cidade, e não gritou para pedir socorro. Seus gritos, provavelmente, foram gemidos e suspiros de desejo, na alegria da liberdade de quem descobre um prazer e uma paz desconhecidos. Seus gemidos, suas palavras foram para abrir-se cada vez mais, derrubando todos os muros, os “hímens”, que “outros”, pais ou maridos, tinham colocado.

Ela não gritou por socorro, por isto estava lá no meio de todos, típica posição do interrogatório judicial (At 4,7).

O corpo de uma mulher depois do primeiro encontro de amor pleno, as carnes abertas, os muros vencidos, amor completo, livre, escolhido... considerado, pela lei, objetiva, clara e distinta do Templo, corpo de mulher adúltera, perigosa, prostituta... quem desobedece à lei estabelecida do senhor, pai ou macho que for, merece ser rebaixada até a morte e a morte de... apedrejamento...

Por ironia, este corpo rebaixado e, quem sabe, apavorado foi colocado bem no meio, na frente de todos, de pé.

O corpo de uma mulher sem possibilidade nenhuma, segundo a lei, de decisão sobre a própria sexualidade. Um corpo de mulher no chão, segundo a concepção patriarcal e androcêntrica.

Um corpo de mulher, rebaixado, sem voz nem vez, obrigado a ficar de pé, na frente de todos, num julgamento de quem se arroga o direito de não ter sombras de dúvidas, direito este vindo de uma lei escrita, fixada eternamente na pedra.

“Mas Jesus, curvando-se, começou a rabiscar com o dedo na terra” (Jo 8,6b).

O corpo de Jesus curvado. O corpo de um homem criado nas leis claras e distintas do patriarcado e do Templo, formado para ficar sempre de pé, sobretudo perante mulheres, seres “naturalmente” inferiores e perigosos... o corpo de Jesus curvado.

Nenhuma palavra ou decisão para não cair na armadilha armada pelos escribas e fariseus. Só um corpo, em silêncio, curvado. O corpo de um homem. O corpo de Jesus.

Não existe ambigüidade no silêncio, não é o silêncio de quem é cúmplice com as leis destes homens. O corpo curvado fala. O corpo curvado é uma tomada de posição em favor de outro corpo apavorado, no chão. Os dois corpos encurvados gritam contra o mundo patriarcal e androcêntrico que não reconhece a vida das mulheres!

E este corpo curvado de um homem, Jesus, “rabisca” no chão.

Este texto de João é a única passagem onde se diz que Jesus “escreveu”, o termo usado no grego sugere que Jesus traçou alguns signos, rabiscou.

Não são as linhas claras da escrita. Não são linhas definidas no papel ou na pedra, algo de definitivo, de quem tem o orgulho e a pretensão à verdade única e objetiva, a verdade de quem coloca cercas de propriedade nos corpos de mulheres.

Não, não foram linhas, escritos... foram rabiscos na terra. Algo que qualquer vento podia levar embora, sem muros ou cercas...

“E sendo que insistiam em interrogá-lo, levantou a cabeça e disse a eles: ‘Quem entre vocês estiver sem pecado, atire por primeiro a pedra contra ela.’”

E, curvando-se de novo, rabiscava na terra. Mas eles, ouvindo isto, foram embora um por um, começando dos mais velhos até os últimos” (8,7-9a).

Jesus levanta a cabeça só para responder à insistência dos acusadores da mulher. Depois da reconstrução do Segundo Templo eram centenas as leis e as proibições que os fiéis judeus tinham que obedecer. Ninguém, por causa das cercas das leis do Templo, podia ter certeza de conseguir escapar do pecado.

A cultura patriarcal e androcêntrica, colocando muros para definir a propriedade do pai ou do marido ao redor e dentro dos corpos das mulheres, acabava matando qualquer tipo de relação entre iguais, nus, sem sentir vergonha (Gn 2,25), qualquer tipo de relação de amor.

“E Jesus, curvando-se de novo, rabiscava na terra” (Jo 8,8). Uma frase repetida duas vezes, a mesma formulação. Parece-me central na análise textual desta perícopé. O corpo de Jesus rebaixado, de novo, questionador da ordem, objetiva, clara e distinta, do poder constituído, poder do pai e do Templo, como o corpo da mulher, rebaixado, de novo, questionador da lei do pai e do marido porque não gritou na cidade, mas escolheu livremente o seu amor em sussurros de prazer.

“Permaneceu só Jesus com a mulher lá no meio. Então Jesus, levantado-se, disse: ‘Mulher, onde estão? Ninguém te condenou?’ E ela respondeu: ‘Ninguém, Senhor’” (Jo 8,9b-11a).

O poder dos senhores da lei do patriarcado, do machismo e do Templo é vencido pela ressurreição dos corpos. Corpos, estes, agora de pé, sem tribunal nem juizes, corpos de pé, ressuscitados, como são os corpos na manhã de Páscoa (Lc 24,33-35).

E Jesus lhe falou: *“Nem eu te condeno; vai e de agora em diante não faça mais este pecado” (Jo 8,1bc).* Literalmente o texto diz “não peques mais”, como em Jo 5,1, mas podemos aqui entender uma forma específica de pecado. Que pecado esta mulher não deve mais cometer? Normalmente, sobretudo normativamente, somos levadas, levados a pensar que o pecado tenha sido o de a mulher escolher de própria vontade e desejo o homem para amar, contra a decisão de seu pai e do marido escolhido pelo pai. Este é o caso do adultério que teria como pena o apedrejamento.

Parece-me que a prática do corpo de Jesus, suas escolhas e seus silêncios, tão empáticos ao corpo, escolhas e silêncios da mulher, não demonstram uma prática normativa da lei do pai e do Templo.

Parece-me que o pecado que não deve ser perpetuado pela mulher, por todas as mulheres, é justamente o de aceitar, como um objeto mudo, sem desejo nem alma, a decisão do pai, do marido e do Templo, de todos os templos, de considerarem o corpo das mulheres propriedade privada. Só assim corpos encurvados, emudecidos, apavorados podem voltar a ficar de pé, com dignidade e vida plena!

4. Corpos, pavores e utopias: o contexto das mulheres

Caminhei muito para te encontrar. Caminhei pelas trilhas áridas e desérticas de minha alma solitária. Caminhei pelos prados verdes e macios das planícies de meu mundo interior que é encontro.

Caminhei pela alvorada e pôr-do-sol da vida, minh'alma se encontra neste bosque feito de sombras e penumbras, de silêncios, não-ditos e entreditos.

Minh'alma é crepuscular, não passeia à vontade no mundo das idéias claras e distintas, dos universais e objetivos. Minh'alma não é moradora do meio-dia, sol a pino, sem sombra de dúvida... Não, minh'alma nostálgica é crepuscular, entre alvorada e pôr-do-sol.

Caminhei muito para te encontrar. Entre o mar "tabula rasa", manso, de ondas pequenas e de água cristalina, que me pariu numa Sexta-feira 13 de agosto, e o oceano de altas e furiosas ondas batidas pelo vento sul, da terra que te viu nascer num tempo quente de verão.

O caminho não foi linear em minha vida. Sabes, a linha reta não é a forma que mais fala de mim. Meu corpo é grande, as curvas desenham palavras em minha pele, palavras amorosas, inúteis, gordas, preguiçosas, acolhedoras, abertas, esparramadas, curvas. Sabes, a linha reta não é a forma que mais fala de mim.

Eu sou uma lua, às vezes escondida, negra, nova, disfarçada, escura, sombra, crepuscular.

Sou lua crescente, curva de um lado, estreita, insinuante, sensual, aliciadora, teimosa, ou sou lua minguante, curva do outro, lânguida, mínima, nostálgica, triste.

Sou lua cheia. Curva toda, círculo explícito, ampla, gorda, molhada, viva!

Não, a linha reta não é a forma que mais fala de mim. Sou feita de sangue e água, curva como uma onda do mar, lambendo devagar a beira da vida.

Curva, como uma onda feita de sangue, ao ritmo das luas.

Este é o ritmo da Dança Sagrada que me caracteriza. O grande círculo da Dança Sagrada das Luas. Este é o meu ritmo: preguiçoso, encolhido, amoroso, amargo, doce, curvo, gordo, esparramado.

Um ritmo que requer tempo, o melhor tempo, o tempo do inútil e, porque inútil, necessário.

Caminhei muito para te encontrar. O meu corpo traz tatuados muitos presentes para ti.

Sonho de noite e de dia, de olhos abertos e fechados, palavras silenciosas, cheiros, metáforas de minha poesia, intuições pouco claras... crepusculares, minha visão cíclica, curva do tempo, visão antiga e nova, que vai te abraçar, lambe e fazer bem...

Nada no meu corpo é linear, nem minh'alma. Não foi fácil descobrir e aceitar isso.

Foi criada para ir "direto ao assunto", para ter idéias e ações claras, objetivas e universais. Foi educada para fazer o que todos esperavam de mim, no molde com critério mediterrâneo de honra e vergonha, seguindo sem nunca questionar as ordens e as decisões de maridos, pais e senhores da família e das igrejas.

Mas eu sabia, minha água e minhas luas interiores me diziam, que precisava voltar ao centro do meu ser, às raízes da minha existência, ao centro da Espiral da Vida.

Toquei meu umbigo, a pequena espiral de ligação com a Água e a Vida, e procurei a Sabedoria para aprender a desobedecer como minha Mãe antiga, Eva, Lilith, a Serpente.

Abri espaços para meu jeito de conhecer, sem pedir licença para Sagrado nenhum... intuição.

Invenção, desejos, humores e prazer, uma lógica totalmente de sangue, do meu sangue menstrual, emotiva, empática, mágica, dona dos meus tempos, lambendo, cheirando, tocando... este é meu jeito de conhecer... de amar.

Caminhei muito para te encontrar. Uma saudade imensa e um desejo nostálgico iam me impulsionando. O desejo de encontrar a mim mesma foi me impulsionando à procura da Árvore da Vida, do conhecimento do bem e do mal, selvagem como a Serpente, Mulher, enraizada em mim. Deitada no colo da Grande Árvore abracei minha saudade, minhas feridas e lutas e olhei para você.

Te vi, assim, pela primeira vez. Muitas outras vezes meus olhos tinham te encontrado; mas a dor, a insegurança, o meu corpo no chão, apavorado, a desconfiança e a raiva em mim não conseguiam te ver. Nos encontramos assim, pela primeira vez, corpos virgens na nova possibilidade de relação, nus, sem vergonhas, sem donos e senhores, deitados no mesmo chão da igualdade, de pé na mesma madrugada da ressurreição, a madrugada de um outro mundo possível.

Te vejo assim, ainda hoje, ainda amanhã, pela primeira vez.

5. O que resta... é poesia...

“Diz para Maria que...”
Virgem, Ela escapou
Do escalpo, pedras e tumultos.
Desvirginada,
Pulo a cerca,
Estreita e farpada,
Da teologia de caríssimas
Restrições
E aprendo a digitar
“claridade”
No feminino plural. (...)
Nancy Cardoso Pereira

“Se minha avó Eliza não tivesse vindo de tão longe para iluminar os recantos sombrios de meu passado e se não existissem as milhares de fotografias que se acumulam em minha casa, como poderia eu contar esta história? Teria de forjá-la com a imaginação, sem dispor de nenhum material além dos fios evasivos de muitas vidas alheias e algumas recordações ilusórias. A memória é ficção. Seleccionamos o mais brilhante e o mais obscuro, ignorando o que nos envergonha, e assim bordamos o extenso tapete de nossa vida. (...)

Escrevo para elucidar os velhos segredos de minha infância, definir minha identidade e criar minha própria lenda.

Afinal, tudo o que temos com plenitude é a memória tecida por nós mesmos. Cada um escolhe um tom para contar a própria história; gostaria de optar pela durável clareza de uma fixação em platina, mas nada em meu destino tem essa luminosa claridade. Vivo entre difusos matizes, velados mistérios, incertezas; o tom adequado para contar minha vida se ajusta melhor ao de um retrato em sépia...”

(Isabel Allende, “Retrato em sépia”)

Um mundo de relações recriadas... um novo mundo possível... velado mistério... Assim seja.

6. Bibliografia

1. BROWN, Raymond E. *Giovanni*. Cittadella ed., Assis, 1979.
2. *Nuovo Testamento Greco-Italiano*. Società Biblica Britannica, Roma, 1996.
3. GREENBERG, Blu. *Sexualidad femenina y función del cuerpo en la tradición judía*, em: *Mujer, religión y sexualidad*. Jeanne Becher ed., Argentina, 1990.

4. PRESSLER, Carolyn. Violência sexual e lei deuteronomica, em: *De Êxodo a Deuteronomio – a partir de uma leitura de gênero* (Athalya Brenner, org.), Paulinas, 2000.
5. SEIBERT, Ute. Hacer teología feminista entre el cuerpo y la palabra, em *Teología con rostro de mujer*, AA.VV., ed. Lascasiana, Manágua, 2000.
6. TAMEZ, Elsa. Vida das mulheres como texto sagrado, em: *Concilium*, 1998/3, 276.
7. BUSCEMI, Maria Soave. E ela derramou o seu perfume, em: *Estudos Bíblicos* 66, Vozes, 2000.
8. BUSCEMI, Maria Soave. “A Amante...”, ed. CEBI, 2002.
9. TAHAR Ben Jelloun. “Creatura di sabbia”, Einaudi, Turim, 2001.
10. TAHAR Ben Jelloun. “Notte fatale”, Einaudi, Turim, 1999.
11. ALLENDE, Isabel. “Retrato em sépia”, Bertrand Brasil, 2001.
12. CARDOSO PEREIRA, Nancy. “Amantíssima e só”, Olho D’água, 1999.

Maria Soave Buscemi
Cx. P. 20
88502-970 Lages, SC
Tel. (0xx49) 222-1724
E-mail: mariasoave@bol.com.br